

Níveis de consciência fonológica em estudantes do Ensino Superior: um estudo-piloto

Adelina Castelo¹

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

1. Introdução

Nesta comunicação, apresentam-se os resultados de um estudo-piloto que procurou avaliar o desempenho de quinze alunas do Ensino Superior em tarefas de consciência fonológica.

Os conceitos de ‘consciência linguística’ e de ‘consciência fonológica’, bem como as capacidades para que eles remetem, nem sempre surgem delimitados de forma clara na literatura. Muitos autores defendem que as capacidades de identificar, manipular e reflectir sobre as unidades da língua fazem parte da consciência linguística, opondo-se ao seu mero uso inconsciente, e parecem utilizar as expressões ‘consciência linguística’ e ‘consciência metalinguística’ como sinónimas, embora possam distinguir diferentes níveis nessa ‘consciência’ (e.g. Tunmer e Herriman, 1984; Gombert, 1990; Gombert e Colé, 2000). No entanto, como as propriedades e as tarefas associadas a esses níveis nem sempre são bem definidas e a metodologia da nossa experiência recorre a tarefas que exigem claramente diferentes tipos de operações e de respostas, optamos por utilizar, neste trabalho, a terminologia defendida por Titone (1988), que se baseia numa distinção explícita entre consciência linguística e consciência metalinguística: a primeira constituirá uma forma de conhecimento implícito que permite um controlo espontâneo e alguma reflexão acerca das operações de manipulação da língua fora de um contexto comunicativo; a segunda consistirá já num conhecimento explícito e formal das propriedades da língua, envolvendo controlo deliberado das operações sobre a língua e uma prévia instrução sistemática acerca delas. Assim, sempre que necessário, invocaremos a distinção entre ‘consciência fonológica implícita’² e ‘consciência metafonológica’, baseada na proposta de Titone (1988); quando nos quisermos referir às duas acepções, empregaremos a expressão genérica ‘consciência fonológica’.

¹ A autora gostaria de agradecer à FCT pela bolsa de estudo (SFRH/BD/36669/2007) que suportou parcialmente esta investigação, às informantes pela indispensável colaboração, à Professora Doutora Maria João Freitas pelos seus comentários ao desenho experimental, à apresentação e ao texto final, e a dois revisores anónimos pelos seus comentários e sugestões.

² Convém salientar que o conceito por nós associado à expressão ‘consciência fonológica implícita’ se baseia apenas na proposta de Titone (1988), não coincidindo totalmente com o conceito de ‘consciência implícita’ referido em Freitas, Alves e Costa (2007: 13).

A relevância de avaliar e promover os níveis de consciência fonológica torna-se evidente se tivermos em conta dois factos: (i) vários estudos das últimas décadas têm demonstrado a existência de uma relação forte entre o nível de desempenho nesta competência revelado pelas crianças e o seu sucesso na iniciação à leitura e à escrita num sistema de escrita alfabético (cf. revisão bibliográfica de Castles e Coltheart, 2003); e (ii) estas capacidades fazem parte da competência nuclear ‘conhecimento explícito’, que deve ser promovida ao longo da escolaridade, tendo em vista objectivos ‘cognitivos’ e ‘instrumentais’ (cf. Sim-Sim, Duarte e Ferraz, 1997).

O segundo facto referido parece não estar a ser, no entanto, suficientemente valorizado: por um lado, até onde sabemos, existe pouca investigação sobre o desenvolvimento da consciência fonológica em sujeitos já alfabetizados mas ainda em idade escolar e sem problemas de linguagem oral ou escrita³ e, por outro lado, ao nível da prática pedagógica em Portugal, esta competência é promovida apenas no início da escolaridade (cf. Araújo, 2004). Estão provavelmente relacionados com esta desvalorização os indícios de que o nível de consciência fonológica revelado por alunos de etapas posteriores ao primeiro ciclo do Ensino Básico não permite uma correcção próxima dos 100% na realização de tarefas que impliquem esta competência (considere-se, por exemplo, os resultados de Araújo, 2004, e Castelo, 2005, e a verificação informal das dificuldades sentidas pelos alunos em disciplinas de Fonética e Fonologia). Assim sendo, torna-se necessária uma avaliação do real nível de desempenho dos alunos em tarefas de consciência fonológica, para que se possa compreender e promover o seu desenvolvimento neste domínio.

Neste trabalho, em concreto, pretende-se (i) testar aspectos da etapa final do desenho experimental a usar num trabalho mais amplo de avaliação do nível de consciência dos segmentos não-consonânticos em falantes nativos do PE que se encontram em diferentes etapas do seu percurso escolar e (ii) observar o nível de consciência fonológica e de consciência metafonológica acerca do sistema não-consonântico do PE em estudantes do Ensino Superior, verificando, nomeadamente, as capacidades de identificar correctamente os segmentos fonéticos ouvidos, de os manipular, e de manifestar alguma consciência metafonológica sobre três dos processos fonológicos da língua (a nasalização, a semivocalização e a redução vocálica).

Para atingir estes objectivos, solicitou-se às participantes que realizassem os seguintes testes: uma tarefa de consciência metafonológica que consistia em identificar as diferenças fonéticas entre pares de palavras e explicitar a ‘origem’ dessas diferenças (podendo essa ‘origem’ ser o processo de nasalização, de semivocalização e/ou de redução vocálica); cinco tarefas de consciência fonológica implícita envolvendo segmentos fonéticos, especificamente uma tarefa de contagem, uma de reprodução linear, uma de detecção, uma de supressão e uma de substituição; e, depois da realização das tarefas de

³ Tal como se pode deduzir a partir de textos que, de algum modo, sistematizam a investigação acerca da consciência fonológica (e.g. Adams, 1990; Gombert, 1990; Castles e Coltheart, 2003; Adams *et al.*, 2006), esta tem sido estudada sobretudo na sua relação com a leitura e a escrita. Também em Portugal, quase todos os estudos sobre o tema avaliam a consciência fonológica apenas no ensino pré-escolar ou nos primeiros anos de escolaridade (e.g. Sim-Sim, 1988; Viana, 2002; Silva, 2003; Veloso, 2003).

consciência fonológica implícita, novamente a tarefa de consciência metafonológica apresentada no início, embora incluindo já outros pares de palavras.

Relativamente ao segundo objectivo desta investigação, podemos levantar três hipóteses. A primeira hipótese é suportada pelos indícios já referidos de que o nível de consciência fonológica de adolescentes e jovens adultos não permite uma exactidão total na realização de tarefas que impliquem esta competência:

Hipótese 1: As informantes não serão totalmente bem sucedidas no desempenho de tarefas de consciência fonológica implícita que se baseiem no segmento fonético.

O facto de a explicitação gramatical de questões fonológicas ser pouco frequente ao longo do percurso escolar (cf. Araújo, 2004) motiva a segunda hipótese:

Hipótese 2: As falantes manifestarão pouco conhecimento explícito, metafonológico, sobre os processos fonológicos abordados.

A terceira hipótese, por seu turno, tem em consideração os resultados de várias investigações indiciando que a estimulação da sensibilidade às propriedades do oral promove o desempenho em tarefas de consciência fonológica implícita (e.g. revisões bibliográficas apresentadas em Adams *et al.*, 2006, e Smith *et al.*, 1995; Silva, 2003) e a proposta de Titone (1988) segundo a qual a consciência metafonológica surge normalmente como efeito de explicitação gramatical:

Hipótese 3: No último teste aplicado, as respostas das falantes revelarão uma melhoria ao nível da identificação dos segmentos que são diferentes (consciência fonológica implícita) mas não da consciência metafonológica sobre os processos fonológicos envolvidos.

2. Metodologia

Os testes consistiram em sete tarefas, aplicadas no mesmo dia e de forma contínua, seguindo-se a mesma ordem para todas as informantes (da tarefa 1 até à 7, respeitando a ordem crescente). Optou-se pela aplicação da totalidade dos testes no mesmo dia, a fim de se comparar o desempenho nas tarefas de consciência metafonológica realizadas no início e no final, observando o eventual efeito da realização intermédia das cinco tarefas de consciência fonológica implícita. Apesar desta opção, o desempenho nas tarefas não deverá ter sido influenciado pela fadiga, uma vez que o número de itens para cada tarefa era reduzido e as informantes eram jovens adultas a quem tinha sido dada a possibilidade de parar para descansar quando quisessem. A aplicação dos testes a cada informante demorou, em média, uma hora.

As tarefas 1 e 7 solicitavam a explicitação da 'origem' das diferenças entre sete pares de palavras cuja diferença residia no processo fonológico da nasalização, da

semivocalização de V1 ou da redução vocálica⁴. Se não a conseguissem realizar, as informantes deviam, pelo menos, identificar essas diferenças. Nas duas tarefas, usaram-se pares de palavras diferentes, embora apresentando, em tudo o que fosse possível, as mesmas propriedades fonológicas. Sempre que possível, utilizaram-se palavras dissilábicas em que apenas um segmento divergia (e.g. *mudo* vs. *undo*). Nos itens relacionados com o processo de redução vocálica, devido às exigências do próprio processo, foi necessário que os pares de palavras apresentassem mais do que uma diferença: por exemplo, no par *seda* vs. *sedoso*, temos uma palavra dissilábica e uma trissilábica e diferenças em segmentos fonéticos que não o relevante (isto é, para além da alteração relevante de [e] em *seda* para [i] em *sedoso*, temos a diferença entre [v] de *seda* e [ozu] de *sedoso*). Estas tarefas visavam avaliar a consciência metafonológica, verificando se as informantes conseguiam verbalizar algum conhecimento explícito sobre os processos fonológicos em causa, sendo que a última das tarefas realizadas (a tarefa 7) pretendia mostrar se a resolução das tarefas anteriores – sobretudo as tarefas que implicavam consciência fonológica implícita – tinha contribuído para alguma evolução no tipo de resposta fornecida.

Quanto às tarefas de consciência fonológica implícita, as três primeiras pretendiam avaliar a capacidade das informantes de identificarem correctamente os segmentos ouvidos (constituindo as tarefas 2 e 3 tarefas de segmentação⁵ e a tarefa 4 uma tarefa de comparação), enquanto as tarefas 5 e 6 tinham como objectivo permitir observar a capacidade de manipulação dos segmentos.

A tarefa 2 implicava a contagem de segmentos de doze palavras trissilábicas ou dissilábicas, conforme as exigências relacionadas com os processos fonológicos de semivocalização (de V1 e de V2), de redução vocálica e de nasalização⁶. As informantes deveriam contar os segmentos ouvidos e responder apenas qual era o número de segmentos da palavra. A tarefa 3 implicava igualmente uma análise segmental, que era manifestada através da reprodução linear de cada um dos segmentos ouvidos. Nesta prova, usaram-se os mesmos estímulos da tarefa de contagem, juntamente com três pares de palavras já usados na tarefa 1 (*casa* vs. *casinha*; *seda* vs. *sedoso*; *salsa* vs. *salsada*). A inclusão destes pares de palavras visava verificar se as falantes, ao

⁴ Veja-se a descrição dos processos de nasalização e redução vocálica em Mateus e Andrade (2000) e em Mateus *et al.* (2003), e dos processos de semivocalização de V1 e de V2 em Vigário (2003).

⁵ A distinção entre tarefas de segmentação, comparação e manipulação baseia-se nas sistematizações de Veloso (2003) e Sim-Sim (1998). Numa sistematização muito completa das tarefas usadas para avaliar a consciência fonológica, Veloso (2003), apoiando-se bastante na revisão de Catts, Wilcox, Wood-Jackson, Larrivee e Scott (1997), inclui a contagem e a reprodução linear de segmentos entre as tarefas de segmentação e a detecção de um som entre as tarefas de comparação. Quanto à supressão e substituição de segmentos, Veloso também as inclui entre as tarefas de segmentação; no entanto, para estas tarefas, optámos pelo termo ‘manipulação’, usado por Blevins (1997, *apud* Freitas e Santos, 2001) e por Sim-Sim (1998), uma vez que este manifesta a diferença que existe entre a mera análise da palavra em segmentos fonéticos (operação de segmentação) e a mesma análise seguida de uma reconstrução com alguma alteração (operações de segmentação e reconstrução).

⁶ Veja-se a explicação para a necessidade de incluir palavras dissilábicas e trissilábicas na apresentação das tarefas 1 e 7.

reproduzirem os seus segmentos, já conseguiam detectar as diferenças relacionadas com a aplicação ou não do processo de redução vocálica. A título de exemplificação, a resposta esperada para as palavras *casa* e *casinha* seria ‘a palavra *casa* tem os sons [k], [a], [z], [ɐ] e a palavra *casinha* tem os sons [k], [ɐ], [z], [i], [ɲ], [ɐ]’.

Nas tarefas 4, 5 e 6, não se abordou o processo de semivocalização, por não se ter encontrado uma forma adequada para apresentar exemplos com semivogais. A tarefa 4 consistiu na detecção de um segmento-alvo num conjunto de palavras, sendo, por isso, uma operação que implicava a comparação de um segmento-alvo com os segmentos ouvidos na palavra. Incluiu dois grupos, cada um constituído por seis palavras trissilábicas. No primeiro grupo, as falantes tinham de identificar as palavras que incluíam (em qualquer uma das sílabas) o segmento [ɐ]; no segundo grupo, deviam procurar as palavras com [ɐ]. Por exemplo, perante a palavra *levante*, as participantes deveriam responder que tem o som [ɐ] em *van*; perante a palavra *condessa*, deveriam dizer que não tem o som [ɐ].

Na tarefa 5 solicitou-se a supressão de um segmento: foram apresentados dois grupos constituídos por três palavras trissilábicas, tendo as informantes de eliminar o segmento [i] no primeiro grupo e o segmento [a] no segundo. Exemplificando, para o item *limpeza*, a resposta correcta seria [lɛzɐ].

A tarefa 6, por seu turno, consistiu na substituição de um segmento: foram usados novamente dois grupos compostos por três palavras trissilábicas, sendo que, na primeira série de palavras, era necessário substituir a vogal [ɛ] pela vogal [ɐ] e, na segunda série, substituiu-se a vogal alta [i] pela vogal média [e]. A título de exemplificação, podemos referir que a resposta esperada para o item *sentido* seria [sɛtidu].

As tarefas 5 e 6 envolveram, pois, uma operação inicial de segmentação, mais ou menos completa, da palavra ouvida, seguida de uma operação de reconstrução com a alteração solicitada: a omissão de um segmento ou a supressão de um segmento e inserção de outro.

Estes testes foram aplicados a quinze estudantes do sexo feminino, que frequentavam um dos três primeiros anos de formação em diferentes instituições de Ensino Superior, nunca tinham estudado Fonética ou Fonologia, eram falantes nativas do PE e tinham idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos (média: 20,9).

Os estímulos foram apresentados através de uma gravação da leitura pausada das palavras e dos exemplos, feita por uma outra falante nativa do PE, aluna do 3º ano do curso de Professores de 1º Ciclo do Ensino Básico, que já tinha estudado Fonética e Fonologia e tinha 22 anos. Antes de cada tarefa, as informantes liam as instruções, ouviam dois exemplos de resposta à tarefa (excepto no caso das tarefas de consciência metafonológica, para as quais não eram fornecidos exemplos) e podiam esclarecer dúvidas com a experimentadora. Durante a realização das tarefas, as falantes podiam ouvir os exemplos o número de vezes que quisessem, mudar a resposta a um item anterior da mesma tarefa, e demorar o tempo de que precisassem para responder ou fazer uma pausa, enquanto a experimentadora não fazia qualquer comentário às suas respostas. Estas foram gravadas e, posteriormente, anotadas e inseridas em bases de dados em SPSS pela experimentadora, sendo os resultados apresentados sob a forma de percentagens.

3. Apresentação e análise dos resultados

3.1. Tarefas 1 e 7: explicitação das diferenças

Tal como se pode observar no Quadro 1, que inclui os valores globais das duas tarefas, 27% das respostas atribuem as diferenças no par de palavras a, pelo menos, um factor não fonológico (ortografia, estrutura morfo-sintáctica e/ou significado), incluindo, eventualmente, a referência a outro factor além do primeiramente indicado (cf. Indicação '[...] e outro'). No entanto, na maior parte das respostas são referidos factores fonológicos: 47% salientam, pelo menos, um processo fonológico, e 24% incluem a referência a, pelo menos, um segmento fonético. É, contudo, de sublinhar que o objectivo da tarefa consistia em obter a verbalização de um conhecimento explícito sobre a causa das diferenças entre as duas palavras, e verbalizações minimamente aceitáveis (e.g. *é por causa do acento; usa-se mais o nariz*) são obtidas em apenas 25% do total de respostas dadas nestas tarefas.

Não sabe / Não tenho resposta	2,08	2,08	2,08
Ortografia	3,75	11,25	27,09
Ortografia e outro	7,50		
Estrutura morfo-sintáctica	3,75	5,42	
Estrutura morfo-sintáctica e outro	1,67		
Significado	7,50	10,42	
Significado e outro	2,92		
Segmento irrelevante	8,33	9,16	23,74
Segmento irrelevante e outro	0,83		
Segmento relevante	13,33	14,58	
Segmento relevante e outro	1,25		
Processo fonológico irrelevante	21,25	21,67	47,09
Processo fonológico irrelevante e outro	0,42		
Qualquer processo fonológico relevante	16,25	25,42	
Processo(s) fonológico(s) relevante(s)	9,17		
Total	100	100	100

Quadro 1: Percentagens de referência a diferentes factores na explicitação das diferenças entre os pares de palavras (valores globais das tarefas 1 e 7)

Continuando a observar os valores globais das duas tarefas, verificamos que a capacidade de verbalização e justificação das diferenças varia em função dos processos fonológicos envolvidos, tal como indicado pelas percentagens das respostas aceitáveis (cf. Quadro 2): 50% em palavras cujas principais diferenças fonéticas residem na posição do acento primário e, conseqüentemente, na redução vocálica (16% de identificação do segmento que muda e 34% de reconhecimento de, pelo menos, um dos processos relevantes – acento ou qualidade da vogal); 42% em palavras diferentes devido à nasalização (identificação do segmento relevante em 23% das respostas e do processo relevante em 18%); apenas 18% em palavras cuja diferença reside na semivocalização (identificação do segmento relevante em 3% das respostas e de um dos

processos em 15%). É de salientar que, no caso da nasalização e ao contrário do que aconteceu com a redução vocálica, as falantes identificam mais facilmente o segmento fonético relevante do que o processo fonológico.

	<i>Nasalização</i>	<i>Semivocalização V1</i>	<i>Redução vocálica</i>
Não sabe / Não tenho resposta	1,67	0	3,33
Ortografia (e outro)	36,66	0	4,16
Estrutura morfo-sintáctica (e outro)	0	3,33	9,16
Significado (e outro)	5,00	13,33	11,67
Segmento irrelevante (e outro)	6,67	15,00	7,50
Segmento relevante (e outro)	23,33	3,33	15,83
Processo fonológico irrelevante (e outro)	8,33	50,00	14,16
Qualquer processo fonológico relevante	1,67	1,67	30,83
Processo(s) fonológico(s) relevante(s)	16,67	13,33	3,33
	100	100	100
Segmentos + processos relevantes	41,67	18,33	49,99

Quadro 2: Percentagens de referência a diferentes factores na explicitação das diferenças entre os pares de palavras, em função dos processos fonológicos envolvidos (valores globais das tarefas 1 e 7)

Se se compararem os resultados das duas tarefas, constata-se uma melhoria na identificação dos segmentos relevantes (6% na tarefa 1 e 23% na tarefa 7), uma diminuição na referência à estrutura morfo-sintáctica (8% – 3%) e ao significado (15% – 6%) e uma percentagem semelhante de referências aos restantes aspectos.

Distinguindo os valores relativos aos diferentes processos fonológicos (cf. Quadro 3), verifica-se que a referência a factores não fonológicos diminui (excepto a referência à ortografia que aumenta ligeiramente no caso da redução vocálica, de 2% para 7%) e a percentagem de identificação dos segmentos relevantes aumenta apenas nas palavras com variação ao nível da nasalização (10% – 37%) e ao nível da redução vocálica (5% – 27%). Quanto à alusão aos processos fonológicos relevantes, pelo contrário, os dados revelam um nível de sucesso frequentemente mais baixo na última etapa (cf. 20% – 17% para palavras com nasalização, 20% – 10% nas palavras com semivocalização e 33% – 35% no caso da redução vocálica). De todos os processos abordados, a semivocalização parece ser o que mais dificuldades causa na tarefa, uma vez que a única percentagem que aumenta da primeira para a última etapa é a de identificação dos segmentos fonéticos irrelevantes (0% – 30%). Estes resultados parecem indicar que a evolução positiva da tarefa 1 para a tarefa 7 se verifica apenas na identificação dos segmentos relevantes, quando relacionados com os processos de nasalização ou redução vocálica.

	Nasalização		Semivocalização V1		Redução vocálica	
	tarefa 1	tarefa 7	tarefa 1	tarefa 7	tarefa 1	tarefa 7
Não sabe / não tenho resposta	3,33	0,00	0,00	0,00	5,00	1,67
Ortografia (e outro)	43,33	30,00	0,00	0,00	1,67	6,67
Estrutura morfo-sintáctica (e outro)	0,00	0,00	3,33	3,33	13,33	5,00
Significado (e outro)	10,00	0,00	20,00	6,67	15,00	8,33
Segmento irrelevante (e outro)	6,67	6,67	0,00	30,00	8,34	6,67
Segmento relevante (e outro)	10,00	36,67	3,33	3,33	5,00	26,67
Processo fonológico irrelevante (e outro)	6,67	10,00	53,33	46,67	18,33	10,00
Qualquer processo fonológico relevante	3,33	0,00	0,00	3,33	31,67	30,00
Processo(s) fonológico(s) relevante(s)	16,67	16,67	20,00	6,67	1,67	5,00
	100	100	100	100	100	100

Quadro 3: Percentagens de referência a diferentes factores na explicitação das diferenças entre os pares de palavras, em função dos processos fonológicos envolvidos (comparação entre os valores das tarefas 1 e 7)

3.2. Tarefas 2 e 3: contagem e reprodução de segmentos

A tarefa de consciência fonológica implícita em que as informantes obtêm piores resultados é a de identificar o número de segmentos ouvidos (tarefa 2), verificando-se apenas 35% de respostas correctas. Analisando as respostas incorrectas dadas pelas informantes nesta tarefa e na seguinte (reprodução dos segmentos das mesmas palavras), é possível identificar a motivação de algumas delas: em 4% das respostas identificam o número de sílabas; em 4% das palavras (todas elas apresentando o processo de nasalização) identificam o número de letras; em 19% dos itens (todos eles representantes do processo de semivocalização) revelam influência do processo avaliado, não dissociando a semivogal da vogal e, conseqüentemente, identificando menos um segmento; nas respostas restantes (37%) não se consegue encontrar uma motivação evidente.

Na tarefa em que as informantes devem repetir cada um dos segmentos ouvidos (tarefa 3), são correctamente isolados apenas 51% dos segmentos não-consonânticos. Se se considerar as proporções entre o número total de segmentos existentes na tarefa e o número de segmentos correctamente repetidos, verifica-se que há um maior nível de sucesso na identificação dos segmentos vocálicos (em comparação com as semivogais) e dos segmentos orais (em comparação com os nasais). Assim, são bem reproduzidas 57% das vogais orais existentes na tarefa, 45% das vogais nasais, 37% das semivogais orais e 0% das semivogais nasais.

3.3. Tarefas 4, 5 e 6: detecção, supressão e substituição de segmentos

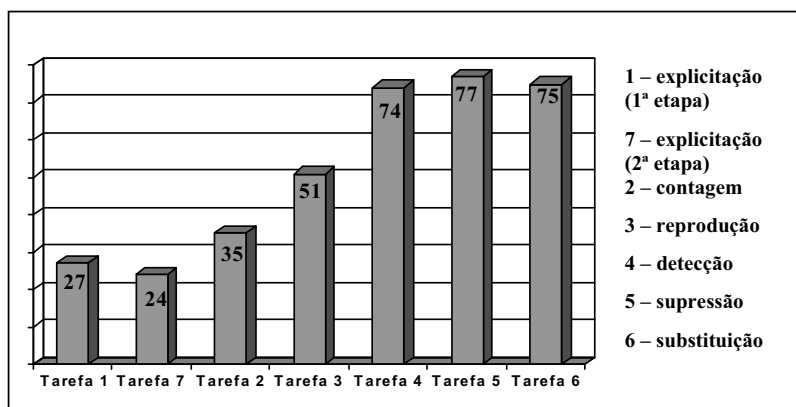
Nestas três provas, que envolvem comparação ou manipulação de segmentos, as informantes alcançam um nível de desempenho semelhante e bastante superior ao obtido nas provas de consciência metafonológica e nas provas de consciência fonológica implícita baseadas na segmentação.

Na tarefa 4, dos 74% de respostas correctas, 46% consistem na identificação de [ẽ] e 28% na detecção de [v] (em proporções entre o número total de respostas correctas possíveis e o número de respostas correctas efectivamente verificadas: 92% de detecções do [ẽ]; 56% de detecções do [v]).

Na prova de supressão de segmento, é novamente com a vogal nasal que se obtêm os melhores resultados: do total de 77% de respostas correctas, 42% são relativas à vogal [ĩ] e 35% relativas ao [a]. Se considerarmos as proporções entre o número total de respostas correctas possíveis e o número de respostas correctas efectivamente verificadas, são adequadamente suprimidos 84% dos [ĩ] existentes e 69% dos [a].

Finalmente, na tarefa de substituição de segmento, o nível de desempenho na substituição do segmento nasal é totalmente satisfatório (51% no total de respostas⁷ e 100% de proporção), enquanto o desempenho na substituição do [i] atinge os 24% (49% de proporção entre o número de respostas correctas possíveis e o número efectivo), perfazendo um total de 75% de respostas correctas.

Verifica-se, assim, que os resultados destas três tarefas, uma de comparação e duas de manipulação, são bastante melhores do que os das tarefas de segmentação e que estes últimos, por sua vez, são superiores aos das tarefas metafonológicas. Outro aspecto interessante reside no comportamento assimétrico dos segmentos nasais, que, em comparação com os segmentos orais, apresentam um nível de sucesso superior nas tarefas de comparação e manipulação e inferior nas tarefas de segmentação. Tais factos serão discutidos na próxima secção. No Quadro 4, são recapituladas as percentagens de respostas correctas em cada uma das provas.



Quadro 4: Percentagem de respostas correctas nas sete tarefas

⁷ A percentagem de 51% (em vez de 50%) deve-se à assimetria no número de respostas obtidas relativamente aos dois casos de substituição, assimetria causada pelo facto de algumas respostas para a segunda série não terem ficado gravadas.

4. Discussão dos resultados

Os resultados deste estudo-piloto permitem-nos identificar várias pistas a serem trabalhadas numa investigação mais alargada (alcançando-se, assim, o seu primeiro objectivo: o de testar aspectos do desenho experimental a usar numa investigação mais alargada sobre a consciência dos segmentos não-consonânticos de falantes nativos do PE em diferentes etapas do seu percurso escolar).

Uma primeira questão prende-se com a causa dos diferentes níveis de desempenho obtidos nos vários tipos de tarefas (isto é, os melhores resultados nas tarefas de comparação e de manipulação, seguidos pelos das tarefas de segmentação e, finalmente, pelos das de consciência metafonológica). Tal facto leva-nos a reflectir sobre o grau de dificuldade das tarefas e a considerar que, num trabalho mais amplo sobre a consciência dos segmentos não-consonânticos, será necessário considerar este factor.

Ao comparar apenas os resultados obtidos nos dois grupos de tarefas de consciência fonológica implícita (segmentação vs. comparação e manipulação), podemos considerar quatro possibilidades que – de modo isolado ou em interacção com outra(s) – dêem conta dos melhores resultados nas tarefas de comparação e manipulação segmental: (a) estas constituem tarefas mais fáceis do que as de segmentação; (b) são realizadas depois de a realização das tarefas de segmentação ter provocado indirectamente uma sensibilização às propriedades do oral; (c) não incluem semivogais, o que originaria a obtenção de melhores resultados globais; (d) incluem vogais nasais, que funcionariam como um factor promotor do sucesso neste tipo de tarefas. Como veremos, embora os dados deste estudo e de trabalhos anteriores possam reforçar ou enfraquecer cada uma destas possibilidades, a sua confirmação ou infirmação exige uma investigação mais alargada, que manipule todas estas variáveis, a efectuar num futuro próximo⁸.

Quanto à possibilidade de as tarefas de manipulação e comparação serem mais fáceis do que as de segmentação, os resultados de estudos como os de Veloso (2003) e Sequeira (2004) parecem reforçá-la, uma vez que também apresentam níveis de sucesso mais elevados nas tarefas de comparação e de manipulação do que nas de segmentação. No entanto, num trabalho mais alargado sobre o tema, seria importante adoptar uma metodologia em que a ordem de apresentação das tarefas também fosse manipulada, de modo a verificar se os níveis de sucesso são determinados apenas pelo tipo de tarefa.

A possibilidade de ter sido a realização de tarefas de segmentação que promoveu uma sensibilização às propriedades do oral e, conseqüentemente, originou um melhor desempenho nas tarefas de comparação e manipulação também é reforçada pelos muitos estudos que mostram a eficácia do treino fonológico para aumentar o nível de sucesso em tarefas de consciência fonológica implícita (cf., por exemplo, o estudo com crianças portuguesas de Silva, 2003).

⁸ Encontramo-nos a iniciar o desenvolvimento de um projecto de investigação que pretende incluir estas (e outras) variáveis. Tal projecto constituirá a base para a elaboração de uma dissertação de doutoramento e está a ser financiado por uma bolsa de doutoramento da FCT.

A eventual atribuição da diferença de níveis de sucesso à presença ou ausência de semivogais entre os itens das tarefas surge reforçada pelos maus resultados na identificação de semivogais nas tarefas de segmentação. No entanto, esta explicação também se torna menos provável se tivermos em conta que o grau de sucesso na identificação e manipulação de algumas vogais também foi maior nas tarefas de manipulação (quando comparadas com as de segmentação).

A última explicação avançada para a divergência de resultados nos diferentes tipos de tarefas – a de que as vogais nasais constituíam um factor promotor do sucesso em tarefas de comparação e manipulação (mas não nas de segmentação) – baseia-se no facto de haver uma grande diferença nas percentagens de sucesso relativas às vogais nasais. Esta assimetria no comportamento dos segmentos nasais deve ser cuidadosamente analisada num trabalho futuro.

Considerando apenas os resultados das tarefas de consciência metafonológica, o facto de os resultados da última tarefa revelarem uma melhoria na identificação dos segmentos mas não na dos processos fonológicos sugere, como veremos, que a realização de tarefas de segmentação, comparação e manipulação contribui para um melhor desempenho ao nível da consciência fonológica implícita mas não da consciência metafonológica. Por esse motivo, podemos concluir que, num estudo visando verificar a existência de evolução no tipo de resposta, as tarefas a repetir no final devem ser tarefas que avaliem apenas a componente da consciência fonológica efectivamente ‘treinada’: consciência fonológica implícita e/ou consciência metafonológica.

Os resultados deste estudo-piloto sublinham ainda a importância de um outro aspecto do desenho experimental a utilizar: a necessidade de controlar as variáveis linguísticas de modo rigoroso. Por exemplo, uma questão interessante que este estudo levantou, e que deverá ser aprofundada num trabalho mais vasto, reside, como já foi referido, no comportamento assimétrico dos segmentos nasais. Uma vez que a experiência realizada constituía apenas um estudo-piloto, procurando encontrar pistas a explorar posteriormente e não podendo incluir um número muito elevado de segmentos, recorreu-se a pares de segmentos que, frequentemente, diferiam em vários traços (e.g. segmentos a suprimir nas duas séries da tarefa 5: [ɪ] e [a]), o que não permite identificar qual é o factor determinante nos resultados. Num trabalho mais alargado, será, pois, conveniente incluir exemplos de todos os segmentos não-consonânticos do PE, de modo a que seja possível determinar que propriedades dos segmentos promovem o sucesso na sua comparação e/ou manipulação.

Considerando agora o segundo objectivo deste estudo-piloto, os resultados obtidos permitem-nos retirar algumas conclusões acerca das três hipóteses inicialmente levantadas. Tal como se pode verificar no Quadro 4 (*vide supra*), os níveis de sucesso na realização das várias tarefas estão longe dos 100%: nas tarefas de segmentação foram relativamente baixos (35% e 51%), enquanto nas outras tarefas de consciência fonológica implícita já se verificou um nível de desempenho mais elevado mas ainda não totalmente satisfatório (74%, 77% e 75%). Tais resultados confirmam a hipótese 1 (“As informantes não serão totalmente bem sucedidas no desempenho de tarefas de

consciência fonológica implícita que se baseiem no segmento fonético”) e vão ao encontro dos dados obtidos noutros trabalhos com sujeitos que já tinham terminado com sucesso a fase da iniciação à leitura e à escrita (e.g. Sequeira, 2004).

A hipótese de que as falantes revelariam pouco conhecimento explícito sobre os processos fonológicos é igualmente confirmada pelos resultados, uma vez que podem ser aceites como correctas apenas 25% das respostas dadas para justificar as diferenças existentes entre as palavras. O baixo nível de conhecimento metafonológico das falantes torna-se ainda mais evidente pelo facto de 27% das respostas incluírem a alusão a aspectos não fónicos, como a ortografia ou a estrutura morfo-sintáctica.

Quanto à última hipótese levantada (a de que as falantes manifestariam um melhor nível de desempenho apenas nas tarefas de consciência fonológica implícita), os resultados confirmam-na apenas parcialmente: embora, tal como previsto, se tenha constatado uma melhoria apenas na identificação de segmentos (e não no desempenho de tarefas metafonológicas), essa melhoria não abarcou os segmentos sujeitos ao processo de semivocalização de V1⁹. O facto de a melhoria não se verificar no nível de desempenho metafonológico parece confirmar a hipótese de Titone (1988), segundo a qual o conhecimento explícito sobre a língua exige uma instrução formal e sistemática; o facto de um maior nível de sucesso se ter verificado na identificação de alguns dos segmentos vai, parcialmente, ao encontro dos resultados obtidos por muitas outras investigações para crianças em idade pré-escolar ou de iniciação à leitura e à escrita (e.g. referências apresentadas em Smith, 1995, e Adams *et al.*, 2006).

5. Considerações finais

Tal como vimos, os resultados obtidos neste estudo preliminar de avaliação do nível de consciência fonológica (implícita e metafonológica) de estudantes do Ensino Superior estão longe de serem satisfatórios. Podemos, pois, considerá-los como mais uma evidência de que a promoção da consciência fonológica não deve terminar com o final da fase de iniciação à leitura e à escrita e de que é necessário estudar esta dimensão da competência fonológica em estudantes alfabetizados.

A discrepância nos níveis de desempenho em tarefas de consciência fonológica implícita e em tarefas de consciência metafonológica constitui outra informação

⁹ Na investigação mais alargada a realizar na sequência deste estudo-piloto, os diferentes processos fonológicos constituirão uma das variáveis manipuladas. Consequentemente, ao interpretar os resultados obtidos, abordar-se-á a natureza dos processos fonológicos e ter-se-á em conta a sugestão, feita por um revisor anónimo, de verificar se os sujeitos são mais conscientes dos segmentos resultantes de processos lexicais do que dos resultantes de processos pós-lexicais. Na literatura sobre o sistema fonológico do PE, a semivocalização de V1 é considerada um processo pós-lexical (cf. Vigário, 2003), a ocorrência de vogais nasais é atribuída a um processo fonológico lexical (cf. Mateus, 2003) ou, em alguns casos, a propriedades do léxico (cf. Freitas, 1997), e a elevação das vogais átonas (parte do processo de redução vocálica) é incluída entre os processos lexicais (cf. Mateus, 2003). Assim sendo, os resultados deste estudo-piloto indiciam que os sujeitos poderão efectivamente ser mais conscientes dos segmentos resultantes de processos lexicais, já que tiveram mais dificuldade em identificar os segmentos resultantes do único processo associado à componente fonológica pós-lexical: a semivocalização de V1.

importante a retirar deste estudo. Com efeito, esta discrepância, juntamente com o facto de a realização de tarefas de consciência fonológica implícita levar a uma melhoria apenas da identificação de segmentos, parece sustentar a necessidade de distinguir claramente – tal como defendido por Titone (1988) – dois níveis de competência acima do conhecimento linguístico tácito: um conhecimento implícito (que, no caso da componente fonológica, poderemos designar por ‘consciência fonológica implícita’) e um conhecimento explícito (que, no caso da componente fonológica, poderemos designar por ‘consciência metafonológica’).

Referências

- Adams, Marilyn Jager (1990) *Beginning to Read: Thinking and Learning about Print. A Summary*. Urbana-Champaign: Center for the Study of Reading, The Reading Research and Education Center, University of Illinois at Urbana-Champaign. [ed. original, 1990, Cambridge, MA: MIT Press; sumário preparado por Steven A. Stahl, Jean Osborn e Fran Lehr]
- Adams, Marilyn Jager, Barbara R. Foorman, Ingvar Lundberg & Terri Beeler (2006) *Consciência fonológica em crianças pequenas*. Porto Alegre: Artmed [1ª ed., 1998; ed. com adaptação à língua portuguesa de Regina Ritter Lamprecht e Adriana Corrêa Costa]
- Araújo, Isabel (2004) *A Percepção do Acento em Português: Descrição, Implicações e Aplicações para o Ensino do Português como Língua Materna*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Castelo, Adelina (2005) The Perception of Word Primary Stress by European Portuguese Speakers. In Sónia Frota, Marina Vigário e Maria João Freitas (orgs.). *Prosodies (Selected papers from the Phonetics and Phonology in Iberia Conference, 2003)*. Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter.
- Castles, Anne & Max Coltheart (2003) Is there a causal link from phonological awareness to success in learning to read? *Cognition*, 91, pp. 77-111.
- Freitas, Maria João (1997) *Aquisição da estrutura silábica do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Freitas, Maria João & Ana Lúcia Santos (2001) *Contar (histórias de) sílabas*. Lisboa: Colibri / APP.
- Freitas, Maria João, Dina Alves & Teresa Costa (2007) *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Fonológica*. Brochura elaborada no âmbito do Programa Nacional para o Ensino do Português. Lisboa: ME-DGIDC.
- Gombert, Jean Émile (1990) *Le développement métalinguistique*. Paris: PUF.
- Gombert, Jean Émile & Pascale Colé (2000) Activités métalinguistiques, lecture et illettrisme. In. Michèle Kail & Michel Fayol (orgs.). *L'acquisition du langage. Le langage en développement. Au-delà des 3 ans*. Paris: PUF, pp.117-149.
- Mateus, Maria Helena & Ernesto d'Andrade (2000) *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.

- Mateus, Maria Helena, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria, Sónia Frota, Gabriela Matos, Fátima Oliveira, Marina Vigário, Alina Villalva (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Sequeira, Teresa Maló (2004) *A consciência fonológica na leitura de crianças disléxicas dos 10-13 anos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- Silva, Ana Cristina (2003) *Até à compreensão do princípio alfabético*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Sim-Sim, Inês (1988) Consciência linguística e nível de leitura: Que relação? Ou ler ou não ler... eis a questão. *Revista Portuguesa de Educação*, nº1(1), pp.95-102.
- Sim-Sim, Inês (1998) *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sim-Sim, Inês, Inês Duarte & Maria José Ferraz (1997) *A Língua Materna na Educação Básica. Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação – DEB.
- Smith, Sylvia Barrus, Deborah C. Simmons & Edward J. Kameenui (1995) *Synthesis of research on phonological awareness: Principles and implications for reading acquisition (Technical Report no. 21, National Center to Improve the Tools of Education)*. Eugene: University of Oregon.
- Titone, Renzo (1988) A crucial psycholinguistic prerequisite to reading: Children's metalinguistic awareness. *Revista Portuguesa de Educação*, nº1(1), pp. 61-71.
- Tunmer, William E. & Michael L. Herriman (1984) The Development of Metalinguistic Awareness: A Conceptual Overview. In *Metalinguistic awareness in children. Theory, research and implications*. Berlim, Heidelberg, Nova Iorque, Tóquio: Springer-Verlag, pp. 12-35.
- Veloso, João (2003) *Da influência do conhecimento ortográfico sobre o conhecimento fonológico. Estudo longitudinal de um grupo de crianças falantes nativas do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Porto.
- Viana, Fernanda Leopoldina (2002) *Da Linguagem oral à leitura. Construção e validação do Teste de Identificação de Competências Linguísticas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Vigário, Marina (2003) *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter.